O APRENDER HISTÓRICO POR MEIO DE FONTES DOCUMENTAIS

Autores: Jamile Cruz Vinhas, Maria Eduarda Alves Leite, Rafael Rodrigues Lobo. Orientadores: Ana Enedi Prince, Roberto Gomes Monção Junior

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, jamilecruzdasilv@gmail.com, mariae.alves81@gmail.com, rafaelrodrigueslobo98@gmail.com.

Resumo
O presente artigo tem como objetivo discutir a relevância de levar fontes documentais primárias para a sala de aula. Para além da memorização de datas e de nomes de pessoas consideradas importantes, a aula realizada na Escola Estadual Olímpio Catão, em São José dos Campos, por meio do PIBID, buscou discutir o protagonismo em duas frentes: o do aluno, enquanto possível historiador, e o das pessoas retratadas nos documentos, considerando suas experiências e ocupações em seus respectivos tempos e espaços. A história de Isabel, mulher escravizada em São José dos Campos que recorreu à Justiça em busca de sua liberdade, foi utilizada como fonte para que os alunos refletissem a partir das informações apresentadas no documento e dos conhecimentos históricos que já possuíam. A partir da análise documental, a atividade proporcionou um expressivo ganho cognitivo aos estudantes, estimulando o exercício da reflexão crítica e a construção ativa do pensamento histórico por meio da ressignificação do passado.

Palavras-chave: PIBID, escravidão, São José dos Campos.

Área do Conhecimento: Humanas (INID)

Introdução

A história, de acordo com Jim Sharpe (1992), tem se focado, desde os tempos clássicos, apenas naqueles feitos considerados grandiosos. Entretanto, uma mudança de direção para os pequenos feitos, aqueles feitos comuns da sociedade comum, tornou-se fundamental para o surgimento de um conceito que, ao invés de observar as coisas de “cima para baixo”, faz de forma inversa e observa de “baixo para cima”, ou como uma “história vista de baixo”. Essa perspectiva foi responsável por ampliar o repertório dos historiadores de análise (Sharpe, 1992), que passaram a analisar diferentes experiências históricas que antes seriam apenas mencionadas.

As fontes documentais mostram-se aliadas fundamentais para a análise da história vista de baixo. É a partir dessas fontes que casos comuns, pouco explorados em diferentes contextos históricos, podem ser discutidos de diferentes formas. Bacellar (2008) destaca que, para os historiadores, as fontes sempre tiveram papel crucial, mas o seu uso nunca foi feito da mesma forma e, atualmente, o uso crítico das fontes abre caminho para outros tipos de análise.

Nesse contexto, Bittencourt (2008) destaca que reconhecer os aprendizados anteriores do aluno é fundamental para a construção do conhecimento. Ao invés de simplesmente utilizar o livro didático ou utilizar a lousa para uma aula expositiva, a junção desses elementos propõe uma aula onde o aluno é o sujeito central, evidenciando seu conhecimento e suas dificuldades enquanto compreende um momento histórico, refletindo sobre ele e organizando o aprendizado e reflexões da aula em um cartaz.

O trabalho com fontes históricas em sala de aula pode atuar em duas frentes: possibilitando ao aluno protagonizar a leitura, a reflexão e o debate sobre a fonte; e trazendo as histórias presentes nos documentos para dentro de sala de aula por meio de uma abordagem diferente, compreendendo seu impacto para o aprendizado e a formação histórica do estudante. Ambas as perspectivas foram desenvolvidas em uma aula aplicada na Escola Estadual Olímpio Catão, em São José dos Campos-SP, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a utilização de fontes documentais primárias no ensino de História, a partir de uma atividade desenvolvida com estudantes do 7° ano do Ensino Fundamental II. Para isso, utiliza-se como documento central de análise a Ação de Liberdade de Isabel, de 1874, buscando compreender de que maneira o contato direto com a fonte contribui para

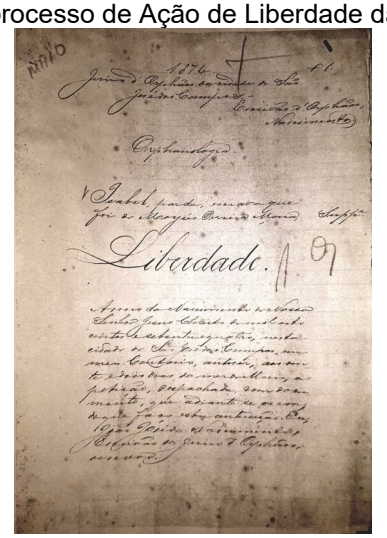
a construção ativa do conhecimento histórico sob a perspectiva da história vista de baixo e do protagonismo discente.

Metodologia

A aplicação da aula sobre os tipos de fontes documentais ocorreu durante o primeiro semestre do ano de 2026, na Escola Estadual Olímpio Catão, e teve como objetivo principal aproximar os alunos do trabalho com fontes históricas, possibilitando o contato com diferentes documentos, a identificação de suas características e a análise das informações presentes nos documentos. A proposta surgiu a partir da necessidade de apresentar aos alunos formas pelas quais os documentos podem ser utilizados para conhecer e interpretar acontecimentos do passado. Assim, inicialmente, foram discutidos em sala exemplos de documentações, buscando identificar com os estudantes as características e as informações que poderiam ser encontradas em cada tipo de fonte.

Após essa introdução, foram apresentadas diferentes fontes para análise. Entre os documentos utilizados estava uma Ação de Liberdade de Isabel, de 1874, relacionada à escravidão em São José dos Campos. O documento registra o processo movido por Isabel, mulher parda que havia sido escravizada por Moisés Pereira Maria. Na petição, a requerente questionava sua condição de escravizada porque não havia sido registrada na matrícula de escravos, registro obrigatório naquele período. A documentação reunida no processo inclui certidões e outros registros oficiais e, ao final, o parecer favorável de um juiz substituto reconhecendo o direito de Isabel à emancipação. Assim, o documento permitiu trabalhar com uma situação concreta em que uma pessoa escravizada recorreu à Justiça para questionar sua condição dentro das possibilidades existentes na legislação do Império.

Figura 1 - Capa do processo de Ação de Liberdade da escravizada Isabel



Fonte: Site Pró-memória (2026)

A partir dessa e demais fontes apresentadas, os alunos foram convidados a observar as informações disponíveis, levantar questões e relacioná-las aos conteúdos já estudados. A atividade envolveu a seleção de palavras e informações consideradas relevantes pelos alunos - como o tipo de fonte documental apresentada, o que o documento apresenta e sua importância -, seguida de recorte, escrita e colagem em cartazes.

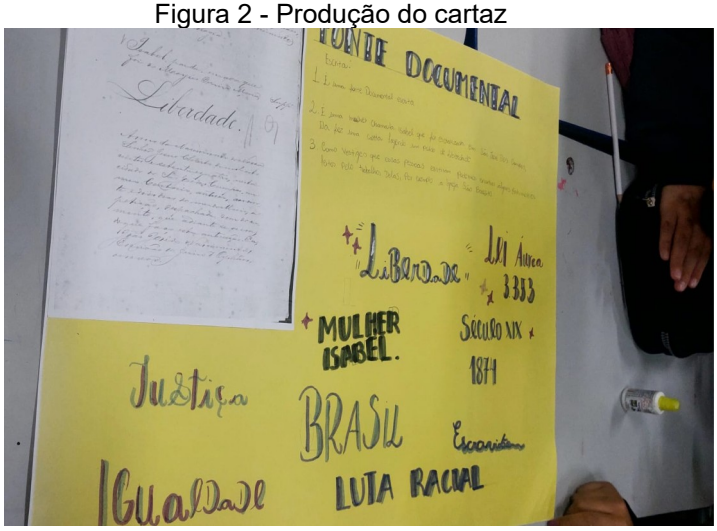
Os estudantes organizaram coletivamente, em grupos de 4 a 5 pessoas, os elementos selecionados de acordo com aquilo que haviam compreendido durante a análise da documentação. Ao final da atividade, os cartazes produzidos pelos estudantes foram utilizados como registro das informações e interpretações elaboradas pela turma a partir do contato com as fontes históricas

Resultados

No grupo de alunos que escolheu analisar a Ação de Liberdade de Isabel (1874), a produção final do cartaz reuniu termos e observações relacionados à escravidão e ao processo de emancipação. Durante a análise do documento, os estudantes identificaram informações e temas que haviam sido

abordados anteriormente nas aulas de História e os relacionaram ao caso de Isabel. Entre os termos registrados no cartaz estavam “igualdade”, “luta racial”, “mulher Isabel” e “liberdade”.

Figura 2 - Produção do cartaz



Fonte: Os autores (2026)

A presença dessas palavras em destaque na produção final demonstra quais elementos do documento foram identificados pela turma e as relações estabelecidas com o conteúdo discutido anteriormente. A escolha dos termos “mulher Isabel” e “liberdade”, por exemplo, evidencia a identificação da personagem central do documento e da questão apresentada em seu processo. Já as expressões “igualdade” e “luta racial” indicam relações estabelecidas pelos alunos entre o documento analisado e questões mais amplas relacionadas à escravidão e às relações raciais.

Desse modo, a atividade permitiu observar que o contato com a Ação de Liberdade de Isabel não se restringiu à apresentação de informações sobre o documento. Os alunos tiveram a oportunidade de observar um documento histórico, discutir suas informações e registrar, por meio da produção coletiva dos cartazes, aquilo que compreenderam e consideraram relevante a partir da análise.

Discussão

Tradicionalmente, a história foca em retratar os feitos e visões de uma elite, como uma forma de manter seu poder simbólico sobre a população. A mudança dessa perspectiva historiográfica, proposta por Sharpe (1992), permite que o olhar do historiador se volte para os “pequenos feitos” e para a sociedade comum, consolidando o conceito de “história vista de baixo”.

No ambiente escolar, essa nova abordagem pode ser potencializada pelo uso de fontes documentais primárias, que deixam de ser apenas registros a serem consultados e passam a ser utilizadas como instrumentos para problematizar diferentes perspectivas sobre o passado. O contato direto do aluno com o documento desloca o conhecimento histórico do campo do “decorar datas” e o insere no processo de construção do conhecimento.

Essa perspectiva esteve presente na atividade realizada a partir da Ação de Liberdade de Isabel (1874), em que os alunos não tiveram contato com o documento apenas para realizar uma leitura, mas foram incentivados a fazer perguntas e relacioná-lo ao período da escravidão e às questões envolvendo a liberdade naquele contexto.

A partir da análise do processo, foi possível discutir como uma fonte jurídica pode apresentar diferentes aspectos da sociedade em que foi produzida, revelando não apenas os agentes ativos naquele período, mas também aqueles que não possuíam voz direta nos documentos, mas cujos vestígios ainda podem ser observados e sentidos por meio da leitura crítica da documentação.

Assim, nesse exercício, os alunos passaram a observar o documento não apenas como um registro do passado, mas como uma fonte que poderia ser questionada e interpretada. A atividade, portanto, aproximou a prática realizada em sala de aula de um procedimento presente na investigação histórica abordado por Bacellar (2008): a partir de uma fonte, formular questões e buscar compreender o contexto histórico a partir das informações disponíveis.

O aluno passa a ocupar uma posição mais ativa na construção do conhecimento histórico, aproximando-se do que podemos compreender como um aluno-historiador. Essa atuação mais ativa do estudante pode ser relacionada à concepção de Marc Bloch sobre a própria História, definida como a "ciência dos homens, no tempo", pois, para o autor, "a atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração" (Bloch, 2002, p. 55). Dessa forma, o estudo de uma fonte não pode ser separado do contexto histórico em que ela foi produzida.

O documento, por si só, não apresenta todas as respostas sobre o passado; é necessário saber o que perguntar a ele. Bloch explica essa questão ao afirmar que "os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los" (Bloch, 2002, p. 79). O autor ainda destaca que a investigação histórica exige, desde seu ponto de partida, que a busca tenha uma direção (Bloch, 2002, p. 79). Nesse sentido, a análise de um documento não deve se limitar à identificação superficial de suas informações, mas partir de questionamentos que possibilitem uma compreensão mais ampla do contexto histórico.

Conclusão

A utilização de diferentes perspectivas e metodologias de ensino da história, como a "história vista de baixo" de Sharpe (1992), mostra-se importante ao proporcionar aos alunos novas visões de mundo capazes de ampliar suas perspectivas sobre os fatos históricos. Ao trabalhar com fontes primárias em sala de aula, torna-se possível revelar as raízes e a pluralidade dos processos históricos que moldam o cotidiano. Dessa maneira, a escola cumpre seu papel de ressignificar o passado e atribuir sentido ao presente.

Dessa forma, torna-se possível contribuir para a formação de indivíduos capazes de compreender e analisar criticamente o contexto em que estão inseridos. O contato com diferentes perspectivas acerca de um mesmo fato histórico possibilita ainda o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de interpretação e da formulação de soluções para problemas de maneira criativa e fundamentada.

Referências

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-80.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Ação de Liberdade de Isabel**: 2º Cível, Caixa 711, Controle 19. São José dos Campos: Arquivo Público Municipal, 1874. Disponível em: https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/wp-content/uploads/2025/10/2o-civel_caixa-711_controle-19.pdf. Acesso em: 2 set. 2026.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 1-348.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.